

ct

Nome: Bonita

de
Vanesa Sotelo

(fragmento en portugués)

DANAUS PLEXIPPUS

ALMA aponta algumas das borboletas dissecadas no quarto.

ALMA

São impressionantes.

EDUARDO

Borboleta monarca. É a preferida de Esperanza. Normalmente vivem 24 dias, mas esta chega a viver nove meses. Percorre milhares de quilómetros dos Estados Unidos ao México para hibernar. E regressa. Você pode imaginar a viagem de um inseto de menos de um grama? Algumas atravessam o Atlântico, como tu. (*Assinala num mapa*) Vão dos Estados Unidos até às ilhas Canárias — aqui. Você vem daqui.

ALMA

E como sabem aonde têm de regressar, geração após geração?

EDUARDO

Ainda se está investigando. Mas é como com as aves migratórias. Herdam os padrões de voo. Em alguns casos chegaram a desviar a sua rota até África, devido à existência das plantas de que necessitam para viver e que foram introduzidas pelo ser humano: a asclépias, de África, ou o loendro...

ALMA

...da América Central, como o abeto. Essas borboletas cobrem os bosques. É impressionante ver como cobrem essas árvores. Mas estamos a acabar com elas.

EDUARDO

Há alguma coisa que você queira me dizer?

ALMA

Creio que já estive no México e já vi o espetáculo da chegada da borboleta monarca. Vi como abatiam hectares de bosque depois da sua chegada.

EDUARDO

Foste ao México para estudar a borboleta monarca?

ALMA

Não, para ver sangue de dragoeiro. Tal como em Socotra.

SOCOTRA

Aracaju. Ano 2004.

ALMA

Felicidade. Socotra quer dizer felicidade. Tudo começa aí, na ilha de Socotra, que quer dizer felicidade. Eu estava na ilha da felicidade e estava cheia de dores. Creio que foi por isso que lá fui. Não sei porque lá cheguei. Não sei como lá cheguei. Um amigo tinha-me convidado a acompanhá-lo para gravar o som das dunas no deserto de Omã. Não cheguei a escutar as dunas. Não sei como, mas estava num barco rumo a Socotra. Só. Completamente só. Nunca me interessou a sensação de estar. É ir o que sempre me atrai. Só queria ir. Quando cheguei ao pé de um daqueles dragoeiros de que me tinham falado e vi o sangue a sair dos rebentos que parecem as raízes de um mundo ao contrário não parava de chorar. Esta é a resina que choram os dragoeiros. Não é uma pedra. É a resina que choram os dragoeiros. As minhas lágrimas não se fossilizaram, mas estão nesta resina milenária. O da leucemia foi depois. Descobri que estavam a estudar a utilização da raiz do dragoeiro como tratamento para a leucemia. Nem sequer sabia que a minha mãe tinha esse mal no sangue. Nem sequer sei porque não conseguimos falar.

Silêncio.

ALMA

Esquecer-se de regressar.

ALBA

Tal como eu esqueço as palavras que aprendi. Porque é que você pensa que está aqui?

ALMA

Nunca soube estar perto.

ALBA

Porque não?

ALMA

É a minha forma estar sem estragar tudo.

ALBA

Não se pode viver à distância.

ALMA

Pode. Mas não se vive.

ALBA

Como eu. Que vivo fora do tempo.

Silêncio.

ALBA

Você viu Esperanza?

ALMA

Todas somos bonitas até nos desfigurarmos. É uma coisa que li.

ALBA

Você leu os bordados?

ALMA

Ainda não. É algo de que me lembrei. Vi-a ontem. É linda, mas respira ar e exala dor. Como era?

ALBA

Eu nunca a escutei. Bordava, lia e tirava a terra das plantas.

ALMA

Tem uma mão queimada.

ALBA

Me recordo dela sempre assim. Albina nunca me disse. Sei que chegaram juntas de Lisboa.

ALMA

Quando?

ALBA

Em 42. Eu já não consigo entrar para vê-la. Enche a minha vida de tristeza. Como está?

ALMA

Regressando.

ALBA

Regressando?

ALMA

À infância. Está na cama e já não se mexe. Olhou-me nos olhos, mas não sei o que conseguiu ver. E já não se mexe.

LUCÍA

Aracaju. Ano 2004.

EDUARDO

Ligaram do consulado. Não consegui falar com Eduardo. Falei com a sua mãe.

ALMA
Está bem?

EDUARDO
Está.

ALMA
Bem.

EDUARDO
O seu bilhete de volta é para daqui a dois meses. Seria conveniente que você regressasse já. Sua mãe não pode viajar. Está-se complicando o tratamento contra a leucemia.

ALMA
Perguntaste-lhe pelo Eduardo?

EDUARDO
Deu-me um número de telefone, mas não consegui falar com ele. Disse que era o de vossa casa.

ALMA
Então está tudo bem.

EDUARDO
Está.

Silêncio.

ALMA
Não está?

Silêncio.

EDUARDO
Este é o seu passaporte.

ALMA
A sério? Deixa ver... O meu nome completo.

EDUARDO
Este é o endereço que aparece no seu passaporte.

ALMA
De Vigo. Claro que sim. De Vigo. Venho de Vigo. Ao pé do Calvário.

EDUARDO
O seu endereço também é o de sua mãe, Lucía.

ALMA

Mas isso não é grave. Devo ter mantido o endereço dela.

Silêncio.

ALMA

Porque é que é grave?

EDUARDO

É o endereço que aparece nas cartas de Esperanza.

ALMA

Que cartas?

EDUARDO

Foi mudando, mas está nestas cartas. O destinatário está escrito nas cartas. Também o remetente. São as cartas que sua mãe escreveu a Esperanza. Têm o destino marcado.

ALMA

O que há nessas cartas?

EDUARDO

São as cartas que Esperanza nunca abriu. E esta chegou hoje.

LUZ

Aracaju. Ano 2004.

As cartas abertas cobrem o chão.

ALMA

Olha todas essas estrelas. Somos assim. Luzes que ainda vemos, mas que já não existem.

ALBA

Se sua mãe é filha de Esperanza, então somos co-netas. Como se chama às netas que partilham avó?

ALMA

Primas?

ALBA

Deveríamos ser co-netas.

ALMA

Devemos ser o que quisermos.

ALBA

Mas minha mãe não era filha de Esperanza.

ALMA

Como se chamava a tua mãe?

ALBA

Amália. Como a cantora de fado.

ALMA

Não a pariu, mas criou-te. À minha mãe, pariu-a, mas não a criou. Somos complementares.

ALBA

Paralelas. Separadas só por uma letra e por um oceano.

ALMA

Convergentes. Separadas só por um oceano e por uma letra.

Silêncio.

ALMA

Olha para as plantas. Tão secas. E estas borboletas. Tão secas.

ALBA

Deveríamos encher seu quarto de plantas. Se você trabalha com plantas, tem de saber como fazer renascer estas todas. Deveríamos encher seu quarto com alegrias. Onde não há alegria, há que compensá-lo de algum jeito.

Silêncio.

ALMA

Estou tão bem fora do mundo, que não sei o que vou fazer quando tiver de voltar a ele.

ALBA

Por isso parei de arrancar as folhas dos calendários e de olhar os relógios. E de pensar nas coisas que estão longe.

Silêncio.

ALBA

Olhe todos esses vaga-lumes que brilham sobre a terra.

ALMA

Assim somos nós.

ALBA

Insetos?

ALMA

Insetos como estrelas que desaparecerão.

ALBA

Essa era a preferida de Esperanza.

ALMA

Borboleta monarca. Da família *Nymphalidae*.

ALBA

Está vendo como você dizia coisas em latim?

ALMA

Danaus Plexippus. Eu vi-a chegar ao México. Chega no dia dos mortos. Nos primeiros dias de novembro. Sabes o que dizem da borboleta monarca? Que é o espírito dos mortos que regressa.

Entra EDUARDO.

EDUARDO

Se apagou. Esperanza. Se apagou.

O LENÇOL

Aracaju. Ano 2004.

ALMA

Pode ser tão frágil, a história?

EDUARDO

Você é a sua história.

ALMA

E nunca vai saber que estive aqui. Mesmo que não morresse, nunca saberia quem eu era, nem que estive aqui. E também não me deixaria ler as suas cartas.

EDUARDO

Isso não o sabemos. Mas sabemos que não as queimou. Queimou a mão, mas não queimou as cartas e deixou sua própria história.

Silêncio.

ALMA

Onde estão os panos bordados que querias que gravasse?

EDUARDO

Não são panos. São lençóis.

ALMA

Um enxoval com a história da minha avó?

ALBA

Gostaria de lê-las com você. Também era minha avó.

ALMA

Leremos juntas essa história.

EDUARDO

A duas vozes.

ALBA

A duas línguas.

Silêncio.

EDUARDO

Não tem de ser agora.

ALMA

É melhor que seja agora.

ALBA

Melhor agora.

ALMA e ALBA começam a ler.

ALMA

Ainda não sei qual vai ser o meu nome. Ausencia foi o meu nome. Desde o princípio, quis outro nome. Batizaram-me com água e sobre o meu corpo caiu aquele nome como uma pedra e cheio de culpa.

ALBA

Nasci a 11 de novembro de 1918. A guerra acabava e o meu pai partia rumo a Cuba. Esse foi o dia da sua morte, porque o meu pai nunca voltou.

ALMA

Mudaram-me o nome com sangue. Com o sangue de Elvira e de Luísa. Elas também não voltaram. Às minhas irmãs, mataram-nas. Começaram a chamar-me Bonita porque a minha irmã mais velha era formosa e chamavam-lhe Bonita. Também não foi o nome que escolhi, mas foi o nome que começaram a chamar-me.

ALBA

Eu era eu. Eu não era de ninguém e a sociedade daquele tempo não me entendia. Foi no monte que aprendi a palavra liberdade. Sabia o significado da palavra, não por a conhecer, mas de tanto a procurar. Quando alguém dizia "Bonita", eu sorria olhando toda aquela fealdade que nos rodeava. Eu sorria e pensava na palavra. Uma palavra que doía tanto, por não a encontrar.

ALMA

Não sei quando nos deixámos envenenar tanto. Sabia que se morresse não descansaria. Sabia que se me deixasse matar não descansaria. Por isso não parei de correr. Por isso não voltei a olhar para trás.

ALMA E LUCÍA

Aracaju. Ano 2004.

ALMA

Mamã. Estás bem? Estou bem. Tenho aqui a tua última carta. Tenho aqui todas as tuas cartas. Ela só queria luz para o seu futuro. A sua última palavra não foi uma súplica. A sua última palavra foi o nome que escolheu para morrer. Não se atreveu a olhar para trás. Decidiu não olhar para trás. Queria saber onde estavam as suas irmãs, mas não podia olhar para trás. O nome está bordado num pano. Também o tenho aqui. O nome que escolheu foi Alma. Nunca me conheceu. Nunca lhe falaste de mim, mas o nome que escolheu foi Alma. Apagou-se e os vaga-lumes brilhavam na terra. Que sentido teve chegar até aqui? Saber. Viver. Esse foi o sentido. É incompreensível. Não tem sentido, mas esse é o sentido. Manter as folhas unidas à terra. Essa é a função da raiz. Por isso temos de procurar Elvira e Luísa. Não sei onde procurar. Por isso temos de procurar. Não há tempo para esquecer. Esse tempo não existe.

Silêncio. Alma desliga o telefone.

ALMA

A minha mãe foi filha da violência. Eu sou neta da esperança. Eu só quero viver em paz.

ALBA

A minha mãe foi filha da ausência. Eu sou neta da esperança. Eu só quero viver em paz.